

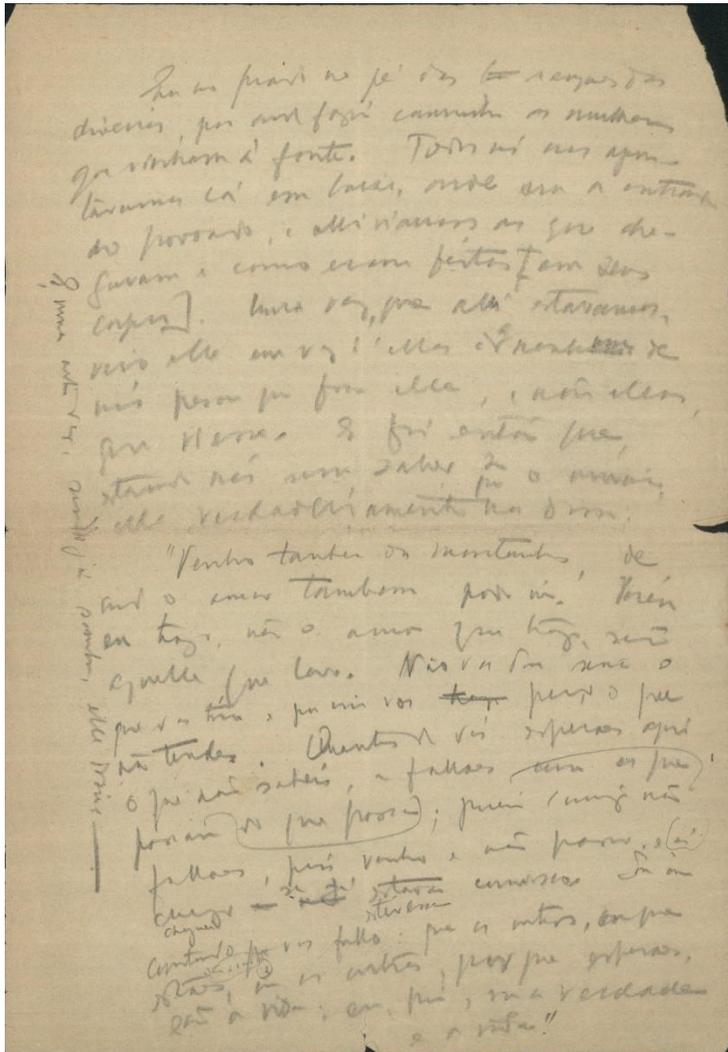
Se, porém, Antonio Botto não hesita em cantar o corpo masculino, é certo que também se não esquiva de cantar o feminino. Reconhece, como estheta que é, a beleza masculina. Reconhece a mesma beleza do corpo masculino, sobretudo, é claro, a do adolescente, que é o hermaphrodita natural e justo.

"Antes" masculina que |feminina, disse Winckelmann; não disse "só" masculina, como parecem^{/e\} e suppor^{/em\} os que, como o publico, não leem o que estão lendo. O estheta reconhece a beleza feminina, e, seu fim artistico ^{/(creador)\} dirige-a, canta-a; canta-a pois tal qual é e como é, mas não como se fôsse a unica beleza. E a creança?

Não Hercules, que é só a força, mas Apollo, que é a força e a graça, ou a força na ^{/da\} graça, é o que {...}

Apollo, o adolescente adulto, e não como Eros, o Antinoo nesta vida, o adolescente creança ^{/infantil\}, o abrir um pouco triste, porque a infância se perde, |da flor da vida.|

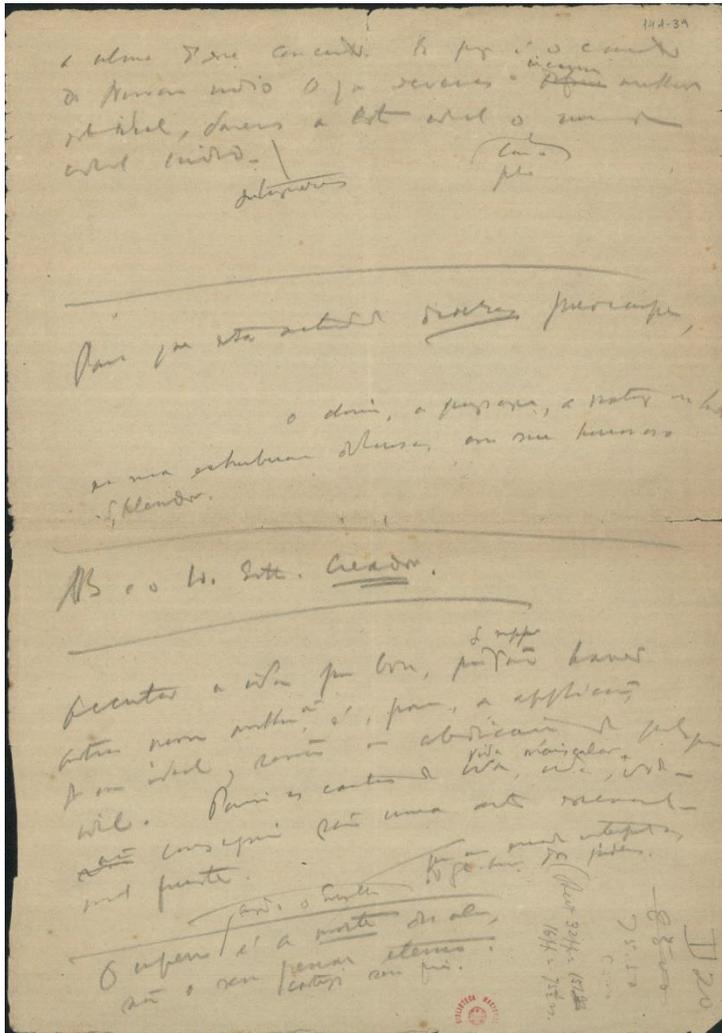
Se uma ou outra vez um elemento sexual se insinua na sua admiração de estheta pelo corpo masculino, isso deriva da sua normal condição humana solicitado sempre pelo amor quando a beleza tem um corpo, e só differe, em essencia, da sensualidade ~~sexual~~ natural em que Santa Thereza ~~aman~~ se entregou em extase a seu amante Jesus, o que, aliás, em nada diminui o ~~sua santidade~~ seu extase ou a sua santidade.



Era no prado no pé das f rengas das oliveiras, por onde faziam caminho as mulheres que vinham á fonte. Todos nós nos apontavamos lá em baixo, onde era a entrada do povoado, e alli viamos aos que chegavam e como eram feitos |em seus corpos|. Uma vez alli estavamos, veio elle em vez d'ellas e a nenhum de nós pesou que fosse elle, e não ellas, que viesse. E foi então que, estando nós sem saber se /que\ o vimos, elle verdadeiramente nos disse:

"Venho tambem das montanhas, de onde o amor tambem pode vir. Porém eu trago, não o amor que trago, senão aquelle que levo. Não vou dar senão o que vos tomo, por isso vos ~~trago~~ peço o que não tendes. Quantos de vós esperaes aqui o que não sabeis, e fallaes do que passa com os que passam; porém comigo não fallaes, pois venho e não passo, e |só| chego /cheguei\ ~~se vim~~ se já estava /estivesse\ convosco. Sou eu comtudo que vos fallo: que os outros, por que estaes são o mundo, ou /e\ os outros, por que esperaes, são a vida; eu, pois, sou a verdade e a vida."

E, uma outra vez, sendo já sombra, elle disse: {...}



{...} a alma d'esse conceito. E porque é o conceito do dharmam indio o que deveras define incarna neste ideal, daremos /integraremos\ a este ideal o /como o\ /pelo\ nome de ideal indio.

Para que esta actividade deveras preocupe, {...} o classico, a paysagem, a natureza |*inteira| em sua exuberancia dolorosa, em seu horroroso splendor.

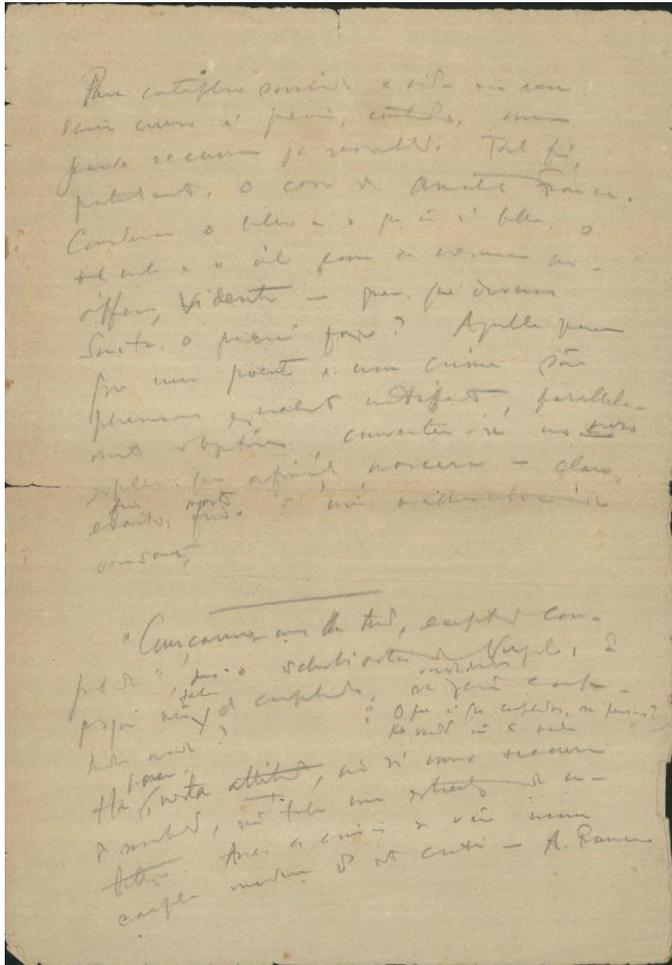
Antonio Botto e o Ideal Esthetico Creador.

Acceitar a vida por boa, por se suppor não haver outra nossa melhor, não é, porem, a applicação de um ideal, senão a abdicação de qualquer ideal. Porisso ao conter da vida, vida, /vida mais valor\, não conseguiram senão uma arte essencialmente fruste.

O inferno segundo o Evangelho que na errada interpretação do † dos judeus é a morte do alem, não o seu penar eterno. /castigo sem fim.\

Sent 33pp=152 rs

16pp=75 1/2 rs.



Para contemplar sorrindo a vida em seu glorioso curso é preciso, contudo, uma grande seccura da sensualidade. Tal foi, patentemente, o caso de Anatole France. Condemna o bello e o que não é bello, o ~~vil~~ nobre e o vil, com a mesma indifferença Vidente - quem, que deveras sinta, o poderia fazer? Aquelle para quem um poente e um crime são phenomenos igualmente indifferentes, parallelamente objectivos, converte-se no mero espelho que afinal nascera - claro, exacto /frio\, frio /morto\. É uma mathematica da sensação {...}

“Cansamo-nos de tudo, excepto de comprehender”, disse o scholiasta de Virgilio. E porque não tambem de comprehender, se verdadeiramente não comprehende nada? {...}? O que é que comprehendes, se pensas? Na verdade não comprehendes nada.

Ha porem, nesta |attitude|, não só uma seccura da sensualidade, senão tambem uma estreiteza da intelligencia. Ambas as coisas se vêm num exemplo moderno de esta critica - Anatole France.

DIREITOS ASSOCIADOS

O trabalho MODERNISMO - Arquivo Virtual da Geração de Orpheu de <https://modernismo.pt/> está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/).